

ENSINO DE GEOGRAFIA AGRÁRIA EM UMA ESCOLA RURAL: PRÁTICA EDUCATIVA NA ESCOLA ESTADUAL JUSCELINO BENEDITO DE ARAÚJO¹

Igor Piazzzi Santa Rosa
igorpiazzzi@hotmail.com²

Resumo

O presente relato tem o objetivo de apresentar uma prática educativa realizada em uma escola rural, tendo como ponto de partida discussões sobre a geografia agrária. Tal proposta se justifica pela necessidade de fazermos, no âmbito da educação básica, reflexões e discussões que articulem o contexto agrário local e nacional para um melhor conhecimento dos alunos sobre as contradições das práticas agrárias e agrícolas em nossa sociedade. Além disso, esse relato procura valorizar a aplicação de questionários e debates como instrumentos teórico-metodológicos para construção e argumentação de pontos de vista sobre a temática em questão, também valorizando os estudantes como sujeitos de produção do espaço.

Palavras Chave: Geografia Agrária; Ensino de Geografia; Escola Rural

Introdução

O conhecimento de elementos da geografia agrária é fundamental para os estudantes, sobretudo sob o ponto de vista crítico. Temáticas como a distribuição de terras no Brasil, revolução verde, agricultura familiar, agronegócio e movimentos sociais do campo que lutam por uma reforma agrária com justiça social são imprescindíveis de serem debatidos pela geografia escolar. Tal discussão é tão importante no contexto urbano, como no contexto rural, no qual a maioria dos estudantes tem relação direta com o campo, sendo fundamental que se

¹ Escola localizada no município de Santa Bárbara do Tugúrio/ MG

² Professor de Geografia da Escola Estadual Juscelino Benedito de Araújo e estudante de Pós-graduação do PROMESTRE/FAE/UFMG, linha Educação do Campo, sob orientação do professor Eliano de Souza Martins Freitas.



construa em conjunto com os educandos uma análise partindo da realidade local e dos fenômenos agrários ali ocorrentes, onde são protagonistas.

Desse modo, concordamos com Callai (2006), que expõe que a abordagem local deve ser uma escala de análise para compreender os fenômenos que ocorrem no mundo. Ao tomar o lugar como perspectiva inicial, pode-se atribuir maior sentido ao que é estudado, permitindo que se façam relações entre o local e o global, em uma abordagem multiescalar, contribuindo para o entendimento da realidade (CAVALCANTI, 2010).

Neste sentido, não só o ensino de Geografia Agrária, como de todos os conteúdos, deve transpor a esfera do livro didático e da sala de aula. Tavares (2016) pondera que os livros didáticos não atendem a necessidade crítica do ensino de geografia agrária, tendo caráter essencialmente descritivo. Já Lacoste (1989) entende o trabalho de campo como uma estratégia de ensino voltada à realidade dos alunos, que passam a entender na prática, as contradições e o processo de apropriação do espaço pelas pessoas.

Neste âmbito, a prática de ensino em geografia agrária utilizando-se de diversos espaços e metodologias, deve ter como objetivo trazer significância ao lugar através do estabelecimento de conexões teórico-metodológicas. Deve proporcionar também a desconstrução de conhecimentos superficiais adquiridos anteriormente de modo não crítico, não verdadeiros, desconexos das particularidades do campo brasileiro. A criminalização de movimentos sociais, estigma do agricultor familiar como atrasado e a admiração ao agronegócio e suas derivações, são algumas das temáticas que devem ser debatidas e refletidas, em conjunto com os estudantes.

Assim, proponho o compartilhamento de uma prática educativa desenvolvida no âmbito do ensino médio com estudantes a partir de suas vivências locais. A prática consistiu na aplicação de questionários por parte dos alunos a agricultores familiares do município, sendo que a partir das respostas obtidas buscou-se gerar debate entre a turma, utilizando-se de imagens buscando (des)construir visões dominantes sobre o espaço rural brasileiro.

Caracterização da escola: sujeitos, currículo e estrutura

A Escola Estadual Juscelino Benedito de Araújo, localizada no município de Santa Barbara do Tugúrio/MG, é considerada uma escola do campo, pois está de acordo com as Diretrizes da Educação do Campo (2015) estabelecidas pela Secretaria do Estado de

Educação de Minas Gerais (SEEMG), no artigo segundo, capítulo II, que estabelece que uma escola do campo é aquela situada em área rural, conforme definido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou aquela situada em área urbana, desde que atenda, predominantemente, às populações do campo. Apesar de estar localizada em área urbana do município supracitado, a escola atende predominantemente populações do campo.

No que tange ao seu público atendido na escola, foi possível verificar, no momento em que a prática foi realizada, havia cento e oitenta e seis matrículas ativas, sendo quarenta e nove no primeiro ano do ensino médio, cinquenta e cinco no segundo e trinta e duas no terceiro ano do ensino médio. Destes, de acordo com dados informados pela direção, noventa e três são provenientes da zona rural no município, representando aproximadamente 69% dos estudantes.

No cotidiano escolar percebe-se claramente o envolvimento dos estudantes seja na lida na roça ou no comércio nos períodos não escolares, uma vez que nessa cidade do interior de Minas Gerais destacam-se os setores primário e terciário na economia, responsáveis por cerca de 27% e 61% da renda do município, respectivamente (IBGE 2010). Mesmo no setor terciário, grande parte dos estabelecimentos deriva de produtos primários, como lojas de artesanatos, “mercadinhos”, quitandas etc. Por isso, no nosso entendimento uma prática educativa, como a que aqui está exposta, contribui para articularmos o saber escolar geográfico à realidade cotidiana dos estudantes, além de possibilitar uma valorização do meio em que esses sujeitos estão envolvidos, bem como estreitando a relação entre escola e comunidade.

Com base no currículo escolar seguido, a disciplina de Geografia possui duas aulas semanais em cada turma, com uma carga horária anual de 80 horas/aula. Desde o início de 2018 a escola adotou para a disciplina de Geografia o livro “Geografia, contextos e redes”, editora Moderna, cujos autores são Angela Corrêa da Silva, Nelson e Ruy Lozano. No que se refere à discussão sobre a geografia agrária, o livro está dividido em dois capítulos, sendo que o capítulo 4 – O espaço agrário – discute as questões mais globais sobre as questões agrárias e agrícolas, tais como a evolução da agropecuária no mundo, a integração entre campo e cidade, o agronegócio, os tipos de agricultura no mundo, as principais características da agropecuária nos EUA e na União Europeia etc. E, no capítulo 5 – Agropecuária no Brasil – ocorrem discussões tais como a formação do espaço agrário brasileiro, com destaque para a formação



dos latifúndios de café no país, a concentração de terra e os conflitos fundiários, as relações de trabalho no campo e as principais transformações no setor agrícola brasileiro, entre outros temas. O livro apresenta bem as discussões referentes ao espaço agrário brasileiro, com gráficos e imagens que enfatizam as desigualdades presentes neste espaço. Os movimentos sociais do campo e a violência contra esses povos também são apresentados a partir da exemplificação de fatos marcantes envolvendo atores sociais camponeses.

Em complementação decidiu-se propor e executar uma intervenção diferenciada já que comungo do entendimento de Vesentini (1996), para quem se faz necessário a busca por um ensino crítico dos temas relevantes para a sociedade e cabe a geografia fazer essa articulação com o meio escolar. Além disso, me referencio em Calvacanti (1993) para quem o professor, a partir da realidade do aluno, deve propiciar a ampliação de conceitos já existentes e a formação de novos conceitos através de uma análise crítica, compreendendo todas as relações de poder existentes no espaço. Esse referencial pode ser articulado as questões tangentes a geografia agrária, onde o professor pelo viés da Geografia Crítica pode levar aos alunos discussões para reflexões sobre as relações de poder no campo, apropriação do espaço, transformação do solo em mercadoria e a expropriação dos sujeitos do campo.

Prática educativa em análise: percursos e resultados.

A prática de ensino proposta foi desenvolvida com os alunos de uma turma de terceiro ano, do ensino médio, composta por trinta estudantes, e teve a duração de três aulas: a primeira aula para discussão prévia dos dados adquiridos via aplicação de questionários, segunda aula para apresentação e análises sobre imagens relativas às questões agrárias e a terceira aula destinada a um debate final. Em virtude da necessidade de cumprimento do planejamento anual a proposta não pode ser ampliada a mais aulas.

Com duas semanas de antecedência foi feito um mapeamento na turma com objetivo de visualizar aqueles que tinham contato direto com o meio rural. Dos trinta estudantes, vinte eram provenientes da zona rural e os outros dez afirmaram ter parentes ou morarem próximos a comunidades rurais. Sendo assim, entendemos que os trinta estudantes estavam hábeis a aplicar o questionário, recebendo-o logo em seguida.

Neste momento foram repassadas aos estudantes algumas técnicas a serem adotadas na aplicação de questionários apresentadas por De Vargas (2013), focalizando na formalização das perguntas, destacando a necessidade de utilização de palavras simples, em virtude das

características do público. O questionário (Anexo I) foi elaborado pelo professor com o objetivo de realizar um diagnóstico geral inicial dos agricultores familiares entrevistados. As questões se referiram a três categorias de saber conforme colocam Judd, Smith, Kidder (1991) *apud* Gil (2008): o que as pessoas sabem (fatos), o que pensam, esperam, ou o que fazem (comportamento).

A escolha das perguntas, em caráter aberto se baseou em Hill e Hill (1998), onde é exposto que questionários com perguntas abertas tem finalidade qualitativa, além de trazer informações mais ricas e detalhadas. Além disso, a especificidade de cada questão está diretamente relacionada com os debates planejados posteriormente acerca de determinadas características do campo brasileiro.

Todos os trinta estudantes tiveram êxito na aplicação dos questionários, sendo entregues na data previamente combinada, com trinta entrevistas realizadas. Verificou-se grande empenho e dedicação da turma para com a proposta de atividade, resultando em informações iniciais com base em relatos individuais nesta mesma data. Espanto, surpresa e apontamentos negativos marcaram as primeiras explanações dos estudantes, principalmente relacionados a utilização de agroquímicos e inúmeras dificuldades apontadas pelos entrevistados.

A primeira informação a ser apresentada que chamou a atenção foi sobre o tamanho das propriedades. Dos trinta questionários, apenas um entrevistado declarou que sua propriedade possuía mais que 10 hectares. O gráfico abaixo detalha essas informações:

Gráfico 1: Tamanho das Propriedades



Os dados acima apresentados vão de encontro as informações apresentadas pelo INCRA (2013) em que das 5,6 milhões de propriedades rurais existentes no Brasil, apenas



1,4% concentram aproximadamente 40% da área total dos imóveis rurais, caracterizando o país como “República do Latifúndio”. Os agricultores familiares, que são a grande maioria em número de propriedades. Portanto a realidade local, reflete a realidade nacional, de grande concentração fundiária. Há no Brasil, uma manutenção da desigualdade fundiária, representada pelo Índice de Gini, que se mantém em torno de 0,856.

Outro dado obtido que consideramos extremamente grave, é que todos os entrevistados relataram a utilização de algum agroquímico. Creditamos tal dado ao sufocamento dos pequenos produtores rurais frente a agricultura capitalista. A nosso ver, a utilização de agroquímicos pelos agricultores familiares entrevistados tem a intenção do aumento da produtividade e consequente manutenção de uma renda mínima familiar.

Em relação a utilização de maquinários, dos trinta entrevistados, 18 relataram o uso de tratores, tobatas³ e encanteiradeira⁴. Mesmo que em uma escala menor, é nítida a presença de derivações da Revolução Verde na agricultura familiar do município. No caso dos maquinários, pode ser relacionado também aos programas de crédito ao agricultor familiar, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), que facilitaram a aquisição desses implementos sob o financiamento a juros baixos.

Apesar dessas características discutidas acima, que mostram no cenário local uma alteração dos princípios dos agricultores familiares, problemas antigos foram relatados na questão acerca das dificuldades. Acessibilidade ruim e preços abaixo do esperado foram as principais reclamações. Falta de mão de obra, infertilidade do solo e intempéries climáticas também foram relatados como empecilhos a um desenvolvimento regular de produção. Neste sentido ainda hoje há a ausência de políticas públicas efetivas que dêem ao camponês um suporte social, reduzindo a dicotomia entre rural e urbano.

O segundo momento consistiu no trabalho com imagens, já que entendo que, conforme Castellar e Vilhena (2011) o uso de imagens deve ser o ponto de partida para análise de um fenômeno que se quer estudar em geografia. Dessa maneira, o aluno será estimulado a fazer observações e levantar hipóteses. Martins (2014) argumenta que as imagens são como uma representação para a compreensão do espaço geográfico, constituindo uma linguagem que transmite mensagens e configuram aspectos culturais da sociedade.

³ Micro trator utilizado na agricultura

⁴ Equipamento acoplável ao micro-trator, produzindo canteiros para plantio de hortaliças

Pontuschka, Paganelli e Cacete (2012) afirmam que a leitura de mundo implica em um processo permanente de decodificação de mensagens e informações textuais, cabendo a escola ensinar o aluno a lidar com outros instrumentos de leitura. Portanto, escolhemos a utilização de imagens com objetivo de incentivar o aluno a questionar, construir, desconstruir e reconstruir seu conhecimento.

Nesta etapa, as fotos foram escolhidas cuidadosamente e editadas de modo que a cada slide fossem apresentadas imagens antagônicas sobre o tema a ser posteriormente debatido, como apresentado na imagem abaixo como exemplo:



Figura 1: Comparação entre dois sistemas de produção de vaca de leite. Fonte: Arquivo Pessoal

Cada imagem foi devidamente identificada quanto a sua origem, pois se objetivava que os estudantes não só observassem e anotassem as diferenças entre as fotos, mas tentassem construir explicações sobre as causas e conseqüências de duas formas de manejo da agropecuária tão antagônicas. A proposta era apresentar uma imagem local em comparativo com imagens de fazendas, latifúndios, representando outro modelo agropecuário, estabelecendo uma mediação que levasse aos estudantes a construção de ideais críticas a respeito das desigualdades apresentadas pelas fotos no campo brasileiro.

Esperava-se aqui questionamentos iniciais sobre as diferenças entre os sistemas de produção. No entanto, verificou-se uma admiração e enaltecimento das fotos referentes ao agronegócio, mostrando a reprodução das visões dominantes sobre o que deve ser o campo, por parte dos estudantes da escola. Assim, é possível inferir o que Ribeiro (2012) alerta: não



raro, a escola rural contribui para o desenraizamento camponês, formando o trabalhador rural para o capital.

Com nossas expectativas abaixo do esperado pós a apresentação comparativa de imagens, tomamos como central a necessidade de um debate sobre as contradições do espaço rural brasileiro, procurando evidenciar questões como a concentração fundiária brasileira e o descaso para com o povo camponês.

Diante desses resultados, partimos para a terceira etapa da prática educativa que objetivou apresentar/construir alguns elementos para desmistificar o ideário sobre o campo no Brasil e propor análises de (re)construção de ideais camponeses até então esquecidos pelos jovens. Tal etapa foi pautada em Masetto (2012) ao afirmar que o esse instrumento de ensino permite ao aluno expressar-se em público, apresentando suas ideias, reflexões, ouvir os outros, dialogar, respeitar opiniões diferentes da sua, argumentar e defender suas próprias posições.

Dessa forma, realizamos um seminário avaliativo com vários eixos de discussão (concentração fundiária brasileira, utilização de agroquímicos, políticas públicas e influência das mudanças climáticas antrópicas) ficando o professor restrito a apresentar informações que indagassem os estudantes a questionar suas percepções iniciais, esperando-se deles o desenvolvimento de uma visão mais crítica. Neste momento, verificou-se que alguns começaram a questionar tamanha desigualdade e concentração fundiária baseando-se criticamente no resultado dos questionários, imagens e dados expostos. Enquanto isso outros permaneciam inertes em suas perspectivas iniciais, porém não conseguiam fundamentá-las com uma argumentação coerente. Em determinada parte do debate, a situação de vulnerabilidade dos produtores rurais locais tornou-se ponto central de discussão, sendo integral a opinião de todos que este cenário era reflexo da ausência de políticas públicas e não existência de um sindicato rural municipal.

Por fim, entendemos que o debate foi positivo, levando grande parte dos alunos a reconstrução de suas respectivas visões sobre o espaço rural brasileiro. No entanto, destacamos a continuidade de pensamentos patronais capitalistas por parte de alguns estudantes, sendo portanto necessário a continuidade de atividades semelhantes a essa a fim de desconstruir estes pensamentos enraizados. Apesar dessas características discutidas acima, que mostram no cenário local uma alteração dos princípios dos agricultores familiares,

problemas antigos foram relatados na questão acerca das dificuldades. Acessibilidade ruim e preços abaixo do esperado foram as principais reclamações. Falta de mão de obra, infertilidade do solo e intempéries climáticas também foram relatados como empecilhos a um desenvolvimento regular de produção. Neste sentido ainda hoje há a ausência de políticas públicas efetivas que dêem ao camponês um suporte social, reduzindo a dicotomia entre rural e urbano.

Considerações Finais

O diagnóstico dos produtores rurais familiares do município estudado apresentou-nos uma realidade perturbadora, onde foi relatada a utilização massiva de agroquímicos, ausência de preocupação ambiental e não articulação sindical pelos agricultores. Vemos essa caracterização como uma perda de identidade cultural e dos princípios da agricultura familiar, sendo necessário o resgate desses valores. Além disso, via análise dos questionários, concluiu-se que o tamanho das propriedades médias apresentadas vai de encontro ao cenário nacional de concentração fundiária no campo.

A utilização de imagens permitiu que os alunos desenvolvessem outra forma de leitura da realidade, contribuindo para uma aula mais atrativa e participativa. No entanto, mesmo com a articulação proposta entre a realidade local em comparação com a nacional através das imagens, esse método não se mostrou suficiente para que os estudantes questionassem os pontos críticos a serem debatidos posteriormente. Por isso foi necessária a atuação do professor como mediador instigando os estudantes a desenvolverem esse senso crítico.

O debate proposto foi a metodologia que chegou mais próximo do objetivo principal, de analisar criticamente a concentração fundiária brasileira a partir da realidade local. Foi neste momento, por meio de argumentações pessoais com mediação do professor que os alunos conseguiram entender com clareza o propósito de crítica ao modelo agrário atual. Por isso entendemos as metodologias utilizadas em conjunto propiciam o alcance do objetivo previamente proposto.



Referências Bibliográficas

CALLAI, H. C. Estudar o Lugar para compreender o Mundo. In: A. C. Castrogiovanni; H. C. Callai; N.A. Karecher (Org.). **Ensino de Geografia - práticas e textualizações no cotidiano**. 5 ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

CASTELLAR, S.; VILHENA, J. **Ensino de Geografia** – São Paulo: Cengage Learning, 2011 – (Coleção Ideias em Ação/ coordenadora Anna Maria Pessoa de Carvalho).

CAVALCANTI, L. de S. Elementos Para Uma Proposta de Ensino de Geografia. **Boletim Goiano de Geografia**. Jan/dez, 1993, p. 65-82.

_____. **A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papirus, 2010.

DE VARGAS, V. do C. C. **O uso de questionários em trabalhos científicos**. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2013_2/O_uso_de_questionarios_em_trabalhos_cient%edficos.pdf>. Acesso: 09 de abril de 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Santa Bárbara do Tugúrio. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/santa-barbara-do-tugurio/panorama>> Acesso em: 12 de abril de 2019.

GIL, A. C. **Métodos e Técnica de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

HILL, M. M ; HILL, A. A construção de um questionário. **DINÂMIA - Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconômica**. 1998. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/469/4/DINAMIA_WP_1998-11.pdf> Acesso em: 08 de abril de 2019.

JUDD, C. M.; SMITH, E. R.; KIDDER, L. H. **Research methods in social relations**. 6. ed. Forth Worth: HarcourtBraceJovanovichCollegePublishers, 1991.

LACOSTE, Y. **A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Tradução de Maria Cecília França. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1989.

MARTINS, F. **Ensinar geografia através de imagens: olhares e práticas**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2014. p. 429-446. Disponível em: <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13222.pdf>> Acesso em: 09 de abril de 2019

MASETTO, M T. **Competência pedagógica do professor universitário**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2012.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H.. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

RIBEIRO, M. Educação Rural. In: CALDART, R. S. et al. (org). **Dicionário de Educação no Campo**. Rio de Janeiro| Expressão Popular, 2012. p. 293-299.

SEE/MG. Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. **Diretrizes da Educação do Campo de Minas Gerais**. Resolução SEE Nº 2820 de 11 de setembro de 2015.

SILVA, A. C. da; OLIC, N. B.; LOZANO, R. **Geografia: contextos e redes**. São Paulo: Moderna. 2016. 255 p. 3v.

TAVARES, F. G. de O. **O ensino de geografia agrária na escola pública: currículo e sala de aula.** Disponível em: <<http://www.sinprosp.org.br/conpe4/revendo/trabalhos/25.pdf>> Acesso em: 12 de abril de 2019.

VESENTINI, J. W. Novo papel da escola e do ensino da geografia na época da terceira revolução mundial. **Terra Livre**, v. 11, n. 2, p. 209-24, 1993.

Anexo I – Modelo de Questionário

Nome: _____

Localização da Propriedade: _____

Tamanho da Propriedade: _____

- 1) O que é produzido na propriedade?
- 2) Há a utilização de agroquímicos? Se sim, quais?
- 3) Qual é o tipo de mão de obra utilizada?
- 4) Quais são as maiores dificuldades vivenciadas no dia a dia?